
CONFERÊNCIA

RONDON, O GEÓGRAFO

AROLDO DE AZEVEDO

As merecidas homenagens que se prestaram à memória do maior dos desbravadores dos nossos sertões, o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, no 1.º centenário de seu nascimento, em maio do corrente ano, juntaram-se as que lhe fizeram os paulistas, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Uma das conferências da noite de 5 de maio foi a do Professor Aroldo de Azevedo, Diretor do Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo e sócio efetivo da A.G.B., cujo tema "Rondon, o Geógrafo", é o que transcrevemos.

"Págui mijera aregúdo, Boe-mijera curiréu!" — o que quer dizer: "Nosso Chefe chegou, o grande Chefe dos Borôro!"

Foi com estas palavras que um aluno do Liceu Salesiano, Tiago Marques Aipoburéu — mais tarde consagrado pela fama —, sob a inspiração poética de Dom Aquino Corrêa, saudou o então Tenente-Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, ao ser festivamente recebido na cidade de Cuiabá, nos idos de 1911.

Palavras que poderiam ter sido pronunciadas quando, em 1889, o jovem Tenente iniciou sua carreira de sertanista emérito, ao unir pelas linhas telegráficas o Araguaia a Cuiabá, sob as ordens do futuro General Gomes Carneiro.

Ele bem as mereceu, entre 1900 e 1906, ao desincumbir-se da árdua missão que lhe entregou o Marechal Mallet, ao estender cerca de 1 747 km de fios telegráficos até às fronteiras do Paraguai e da Bolívia.

Foi assim também, em 1907, quando o Presidente Afonso Pena entregou-lhe a chefia da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. Penetrando no Planalto dos Parecis e explorando o curso do Rio Juruena. Atingindo os con-



fins da Serra do Norte. Trazendo ao conhecimento do Mundo a existência dos temidos índios Nhambiquara.

"O grande Chefe chegou", em fins de 1913, fazendo-se acompanhar da figura quase legendária do ex-Presidente Teodoro Roosevelt, a quem ofereceu oportunidade de caçar onças e em cuja companhia percorreu o vale do chamado Rio da Dúvida, que os mapas atuais mostram sob o nome de Rio Roosevelt.

Foi também assim que poderia ter sido saudado, ao assumir o comando da Fôrça Expedicionária organizada contra os revolucionários de 1924. Ou quando inspeccionou nossas fronteiras, desde o Rio Grande do Sul até o Amazonas, entre 1927 e 1930.

"O grande Chefe chegou", quatro anos mais tarde, ao integrar a Comissão Mista Internacional sediada em Letícia, a fim de dirimir o conflito de fronteiras existente entre o Peru e a Colômbia. Chegou para cumprir com rigorosa exatidão sua tarefa de mediador entre duas nações irmãs. Mas também para sacrificar-se uma vez mais, pois foi ali que se declarou o glaucoma que háveria de cegá-lo para sempre.

Senhoras e Senhores:

Em espírito, "o grande Chefe chegou" também hoje, neste recinto, cem anos decorridos de seu nascimento, para ouvir de nossos lábios e de nossos corações palavras de agradecimento, de exaltação à sua vida exemplar, de homenagem reverente à sua memória gloriosa, de brasileiro digno entre os mais dignos, de patriota entre os que mais o foram, de verdadeiro exemplo a ser apontado às gerações modernas.

O DESBRAVADOR DOS SERTÕES

Não se sabe o que mais admirar na figura exponencial cuja vida hoje reverenciamos, ao ensejo do centenário do nascimento do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. Exemplo de energia indomável, que muitas vêzes atingiu às raíais do inconcebível: era sempre o último a dormir e o primeiro a acordar, quando em viagem; e, ao toque da alvorada, oficiais e soldados já o encontravam barbeado e pronto para a marcha — acentua um de seus biógrafos:

Exemplo de cristalina pureza de caráter, que se patenteou sob a farda do militar, sob a roupa do cidadão, na vida pública como no lar, nas cidades como nos mais longínquos sertões de nossa extensa Pátria.

Quanto mais nos distanciamos da época em que viveu, do tempo em que deixou o conforto da civilização para viver nos pantanais, no cerrado e na selva amazônica, ao contacto com nossos irmãos primitivos (que amava como filhos e tratava como crianças inocentes), quanto mais nos distanciamos daquilo que poderemos chamar, sem exagero, a "Era de Rondon" — sua figura se avulta e se agiganta.

Ao se propor na Assembléia da Associação dos Geógrafos Brasileiros, reunida em Cuiabá no mês de julho de 1953, que lhe fôsse outorgado o título de Sócio Honorário, o Prof. Francis Ruellan — mestre francês, que ali se encontrava e também já havia recebido a mesma homenagem —, ressaltou com rara felicidade: "Considero o Marechal Cândido Rondon como o último representante da geração dos Livingstones e dos Stanleys".

Sim, minhas senhoras e meus senhores. Rondon foi, antes de tudo, um explorador de terras desconhecidas, um desbravador na mais exata acepção do termo, digno de ser comparado, por seus feitos e sua inquebrantável coragem, a homens-gigantes do porte de David Livingstone e de Henry Stanley, que desvendaram ao Mundo o enigma das bacias do Zambeze e do Congo, trazendo luz a respeito do "coração" da África.

Sentiu, como ninguém, a solidão imensa dos sertões. Porque — como escreveu um de seus companheiros — "o habitante das cidades ou mesmo das fazendas não tem a noção do deserto; naquelas, o homem sente-se sempre acompanhado, percebe que existe a humanidade em derredor de si e, quando está só, dispõe de vários meios para se pôr em contacto com outro ser vivente e racional; e, na roça, por mais êrmo que seja o sítio, se não houve o galo que canta na habitação mais próxima, tem sempre a possibilidade de encontrar um ou outro viajante que por ali passa". Mas, em pleno sertão, tudo é diferente. Tem-se a certeza de que ninguém poderá ouvir um grito de socorro ou uma descarga de espingarda. Não se tem com quem trocar idéias, nem existe possibilidade de ver nin-

guém. E' preciso servir-se a si mesmo em tudo do que se precisa para viver, contar consigo unicamente para sua defesa, como que sentir o pêso da solidão, no silêncio da floresta. "Um galho sêco que se desprende, o vento, os animais que se espantam quando subitamente dão conosco, os ruidos enfim que, de quando em quando, quebram a monotonia silenciosa d'esses recantos isolados da terra, só servem para perturbar nossa tranquilidade, despertam-nos olhares inquietos, excitam o mêdo e a coragem — o mêdo como primeira sensação, a coragem para nos pôr em guarda imediatamente, no instinto natural de defesa".

Rondon conheceu tudo isso em suas incansáveis peregrinações através de um outro Brasil, que não é o dos arranha-céus e do asfalto. E sofreu dificuldades de t'oda ordem, que podem ser simbolizadas num único exemplo, expresso em suas próprias palavras:

"Ora tínhamos de desenvencilhar-nos da insidiosa falta de resistência de atoleiros imensos, formidáveis inimigos que vencem, cedendo; logo depois, éramos obrigados a imergir em extensos macegais, inextricável espessura que só podíamos romper com a fôrça dos nossos próprios corpos, embora os pés se nos embaraçassem a cada passo no emaranhado dos caniços já dobrados e calcados; seguiam-se as corixas, depressões do terreno por onde, ao entrar o estio, vazam as últimas águas das inundações, recolhendo-se aos leitos dos rios: as enchentes, porém, anunciam-se, invadindo-as, e nós as encontrávamos como grandes ribeirões, que atravessávamos a nado, erguendo as espingardas numa das mãos, para se não molharem." (*Conferências*, 1915, pág. 32).

A OBRA GEOGRÁFICA

Vencendo dificuldades d'esse tipo, Rondon fêz o levantamento do *Rio Paraguai*, desde as remotas cabeceiras na Serra do Araporé — onde corre tranqüilo sob o nome de Rio das Pedras-de-Amolar —, até a trama complexa de sua rêde de drenagem em terras brasileiras, no labirinto hidrográfico que é o Pantanal matogrossense.

Transportou para o mapa de nosso país, com a indispensável exatidão, os cursos dos afluentes e subafluentes da margem direita do *Rio Amazonas*, dos confins do Madeira e do Guaporé até às ter-

ras drenadas pelos formadores do Tapajós, num total de 17 rios até então mal cartografados ou desconhecidos.

Conseguiu definir e caracterizar a região das chamadas *águas emendadas*, no divisor Amazonas-Prata, faixa de cerca de 600 km de largura, dentro da qual — de acôrdo com as próprias palavras do grande sertanista — “as águas das duas maiores bacias da América do Sul se aproximam e por vêzes se unem, formando imenso labirinto”.

Conseguiu delimitar a área de contacto fitogeográfico entre a zona dos cerrados e os domínios da Hiléia amazônica, em pleno *Planalto dos Parecis*.

Forneceu as bases essenciais para a confecção da notável “Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas”, que a tenacidade do General Jaguaribe de Matos conseguiu ver publicada, após ingentes esforços.

Ouçamos o próprio depoimento de Rondon:

“Graças ao concurso de auxiliares entusiastas e verdadeiramente incansáveis, pude realizar surpreendentes descobertas para a Geografia e para as Ciências Naturais. Ficou incorporada ao patrimônio geográfico uma área de cerca de 200 000 km², até então virgem, e com ela a representação gráfica e a descrição de grandes rios, novas serras e uma avultadíssima nomenclatura nova, o que acredito seja a maior contribuição geográfica brasileira resultante de um só empreendimento.” (*Mensagem à A.G.B.*).

Duzentos mil quilômetros quadrados, minhas senhoras e meus senhores, correspondem à extensão total de um Estado como o Paraná, área maior do que a de muitos países do Mundo, equivalente à Tchecoslováquia e Hungria reunidas. Dizem respeito a larga extensão do norte de *Mato Grosso* e a grande parte do antigo Território Nacional do Guaporé, que a justiça dos homens fez com que se transformasse no atual Território Nacional de *Rondônia*.

Repassemos os nomes das unidades políticas de nosso país — velhas denominações que remontam ao período colonial, nomes de santos e nomes de rios, expressões geográficas. Mas *Rondônia* representa a grande exceção, porque relembra o nome de um Homem, de um Homem com “H” maiúsculo — o único brasileiro que, até este instante, mereceu tamanha honra.

Cândido Mariano da Silva Rondon não a recebeu por motivos políticos eventuais, muitas vêzes fortuitos e discutíveis. Recebeu-a no ocaso da vida, como inédita homenagem a quem oferecera tóda uma existência ao serviço da Pátria. A denominação sugerida havia tantos anos por Edgard Roquette Pinto conseguira, afinal, sensibilizar nossos homens de Govêrno. A justiça tardou, mas acabou por se concretizar, sem nenhuma voz discrepante. Porque se alicerçava em fatos positivos, que a História registrara em letras indeléveis.

O CIVILIZADOR DOS SERTÕES

Ao resumir sua obra hercúlea, como construtor de *linhas telegráficas*, Rondon escreveu:

“Minha primeira aspiração para prestação de serviços públicos foi a de vir a cobrir um dia todo o território do meu grande Estado natal por uma imensa rede de linhas telegráficas, ligando entre si os mais afastados povoados e integrando-os, pela comunicação direta do pensamento, às outras partes da comunidade brasileira. Acredito haver cumprido, dentro dos limites de minhas fôrças, essa grande aspiração”.

E acentuou, com tóda razão:

“Em nenhum caso no Brasil o telégrafo aéreo sôbre fios atravessa tão vastas, tão desertas e tão ásperas regiões, como as do antigo Noroeste de Mato Grosso e Sul do Amazonas, ligando povoados mergulhados na Hiléia Amazônica a regiões mais ou menos campestres da Bacia do Prata, do sul dos Estados de Mato Grosso e de Goiás”.

Com justificado orgulho, mas dentro de sua conhecida modéstia, acrescentou:

“Sem o procurar, sem mesmo presumir, creio haver batido o “record” das construções telegráficas realizadas no Brasil sob uma mesma chefia ou superintendência, entregando ou mandando entregar à Repartição dos Telégrafos secções de linhas telegráficas que perfazem o total de 7 350 km de extensão.” (*Mensagem à A.G.B.*, 1953).

Palavras singelas essas, que escondem realidades surpreendentes e edificantes. Significam que, se postas em linha reta, tais linhas

telegráficas construídas pelo Marechal Rondon cobririam quase duas vezes a distância existente entre o pico do Roraima, no extremo norte do país, e a foz do arroio Chuí, no extremo sul. Mas silenciam a respeito dos imensos sacrifícios, dos perigos constantes, das viagens extenuantes e cansativas feitas a pé, em canoas ou no lombo de burros; da penosa e paciente tarefa de reconstruir o que os índios sorrateiramente destruíam, na inconsciência do que significavam aqueles postes e aqueles fios — a que chamavam a *língua de Mariano* —, a estenderem-se através de picadões infindos.

Nada mais edificante do que a leitura dos Relatórios da Comissão Rondon. Custa a crer que os episódios ali narrados tenham tido lugar em pleno século XX, pois mais parecem páginas escritas no século XVIII, por desbravadores pertencentes ao Bandeirismo.

Na personalidade do Marechal Rondon vamos encontrar uma réplica perfeita do Bandeirante do setecentismo. Menos rude, sem dúvida. Mas com a mesma indômita energia, com idêntica coragem, com sacrifícios iguais — apesar de haver vivido Rondon na era da máquina, do automóvel e do avião.

Suas expedições foram geralmente acompanhadas por técnicos capazes e, por isso mesmo, dignas de serem classificadas como verdadeiras *expedições científicas*. Nelas figuravam topógrafos, geólogos, botânicos, zoólogos, meteorologistas, etnólogos. Nomes como estes, que dispensam qualquer apresentação: Júlio Caetano Horta Barbosa, Amílcar Botelho de Magalhães, Jaguaribe de Matos, Euzébio Paulo de Oliveira, Alberto Betim Paes Leme, Frederico Carlos Hoehne, Alberto Sampaio, Adolfo Lutz, Roquette Pinto e tantos outros.

Para nos certificarmos da natureza e do valor da obra realizada pelo Marechal Rondon, basta que citemos apenas dois exemplos.

Queremos nos referir, em primeiro lugar, à exploração levada a efeito no vale do *Rio Gi-Paraná*: 2 202 estações meteorológicas vieram-se instaladas, para observações termométricas e barométricas; secções transversais e descargas fluviais foram feitas em todos os cursos d'água atravessados; determinação das coordenadas geográficas, realizada através de teodolitos e cronômetros; avaliação dos pontos de altitude mais notáveis e verificação dos desvios da agulha magnética; levantamentos estatísticos da população encontrada, como também dos povoados e aldeias de índios; observações sobre as riquezas

vegetais existentes e possibilidades de seu aproveitamento; levantamento completo de tôdas as tribos indígenas, seus modos de vida e suas relações com os civilizados.

Em segundo lugar, cumpre lembrar que, com as expedições de Rondon, o Museu Nacional foi enriquecido com 5 667 espécies animais.

O GEÓGRAFO

Embora tais Relatórios tenham caráter informativo e não científico, fácil será encontrar nêles páginas de inegável valor geográfico.

E' o caso da afamada *Serra do Norte*, "de constituição quase tôda arenítica", profundamente erodida e circundada por áreas graníticas bastante movimentadas. De acôrdo com um dêsses Relatórios, seria ela "constituída pelo rebaixamento do terreno", e, por tal motivo, "os rios que ali se formam têm os respectivos talvégues em nível inferior aos dos que fluem do grande chapadão" constituído pelo Planalto dos Parecis.

O panorama oferecido por essa elevação do relêvo aos olhos dos homens de Rondon foi considerado esplêndido e inesquecível. "Os esboroamentos do chapadão lá estavam, formando vales enormes que se dirigem do Sul para o Equador" — escreveu Rondon. "O fundo dêsses vales, leito doutros tantos rios e riachos, é coberto de extensos buritisais e de matas em que abundam as seringueiras. Os declives e terraços, testemunhas do antigo chapadão, mudos e imotos, revestem-se de gramíneas claras, em contraste com o verde-escuro dos portentosos buritisais. E tudo isso forma conjuntos gigantescos, que se alongam a perder de vista, numa gradação suave para o azul profundo, ainda mais realçadas nessa manhã pela brilhante luminosidade do céu límpido e transparente".

Em relação ao *Planalto dos Parecis*, a descrição não é menos sugestiva. Ergue-se êle suavemente para os lados do Guaporé e do Paraguai, vale dizer para Oeste e para o Sul, mas, em tais pontos, fratura-se através de vales profundos, cortados pelos cursos d'água pertencentes às bacias daqueles rios. "As escarpas dessas colossais erosões, vistas cá de baixo" — esclarece o Relatório — "pareceram verdadeira serras e receberam o nome de *Cordilhira dos Parecis*;

começam nas nascentes do Arinos e do Paraguai e vão se dilatando, segundo curvas caprichosas, para o Poente e o Nordeste, até a Serra dos Pacaás Novos”.

Nessa área, dominam o *cerrado* e as *matas-galerias*. Mas, logo a seguir — palavras textuais —, “a vegetação começa a engrossar, apresentando-se, a princípio, sob a forma do que em Mato Grosso se chama *charravascal*, e passando depois, gradualmente, para a *mata do lorê*, ainda pouco alta, e desta para outra maior, da bacia do Gi-Paraná, até atingir, afinal, na região do Madeira, as proporções gigantescas da portentosa *Floresta Amazônica*”.

Certa vez, Rondon foi colhido pela noite muito longe do acampamento, em pleno e intrincado *charravascal*, sob uma chuva que caía em torrentes. Como fazer, se Arê, seu guia índio, por desdita havia se ferido na rótula, ficando inutilizado para o trabalho?

Estava no meio de um espesso trançado de varas finas, taquarinhos e gravatás, que tornavam difícil a penetração, área mais fechada que as piores caatingas do Nordeste e comparável aos “espinhosais” da Argentina e aos “chaparraís” do México e do Texas.

Que fazer, se seus companheiros o esperavam no acampamento, sem saber exatamente qual o rumo que houvera tomado?

Deixemos que o próprio Rondon nos conte o que, então, aconteceu:

“O único recurso que nos restava, para não ficarmos ali a noite toda, era o que adotei: tomar a frente e, rompendo o *charravascal* com o peso do corpo, marchar com firmeza no rumo do acampamento. Alcançamos, de fato, o nosso intento, mas em mísero estado, com arranhões profundos por todo o corpo, molhados até à medula e com a roupa em farrapos.” (*Missão Rondon*, 1916).

Era assim o grande sertanista, que só se preocupava com o que estariam pensando seus companheiros de acampamento, ainda mais porque vinham sendo encontrados sinais evidentes da presença dos Nhambiquara. Exausto, coberto de sangue, com a roupa molhada e em frangalhos, ignorou-se a si mesmo, para pensar nas angústias dos membros da expedição que chefiava. Que homem!

Em seus Relatórios, evidentemente Rondon jamais preocupou-se em fazer literatura. Todavia, lendo-se aquelas páginas repletas

de dados e informações, podemos muitas vezes encontrar trechos cheios de vida, onde a paisagem é descrita com alma de artista.

E' o que acontece, por exemplo, quando nos informa sobre o *regime climático* regional. Chama a atenção para o céu de um azul puríssimo, sem nuvens, por toda a *estação seca*, desde maio até fins de setembro. Mas, a situação modifica-se totalmente quando se inicia a *estação das chuvas*, caracterizada por fortes descargas elétricas e trovoadas assustadoras, o céu sempre encoberto de nuvens — pesadas umas, com seus contornos fulvos e franjados; outras tênues, esgarçadas, transparentes, com se fôsem levíssimos flocos de algodão.

Inúmeras vezes, encontrou Rondon no âmago das florestas, mesmo onde fôsem mais espessas e mais densas as massas vegetais, verdadeiras clareiras, com árvores desarraigadas a jazer por terra, tronco retorcidos e mutilados, como se um gigante de força sobrenatural houvesse por ali passado, tudo dismantelando com seu sôpro brutal, da mesma forma que o fazemos com um castelo de cartas. A descrição e a imagem são do próprio Rondon.

E' que, na bacia do Rio Madeira — explica o grande sertanista brasileiro — “desde as cabeceiras até os últimos pontos de seu profundo vale, os furacões não são raros e, quando passam por sobre a mataria, abrem nela alongadíssimas clareiras, deixando bem assinaladas a direção e o sentido donde vieram e para onde foram”.

Muito bela, parece-nos, a descrição feita do *Pantanal*, ao navegar pelo Rio Paraguai, no rumo de São Luís de Cáceres:

“Nessa época do ano (janeiro) — escreveu Rondon, o Pantanal, invadido pelas águas que se estendem a perder de vista, terras a dentro, coleando por entre os *firmes* coroados de verdura, apresenta-se como um lago imenso de superfície serena, em que se espelham as bellissimas palmas dos carandás e dos uacurús, de fuste esbelto, lançado para o alto. A vida de toda aquela dilatada região concentra-se nesses encantadores refúgios, emergidos do seio da portentosa inundação: na espessura dos seus arvoredos, vagueia o jaguar famulento, bramindo sob o aguilhão do desejo sexual, que o faz, mais do que nunca, temeroso, enquanto pelas ramadas saltam os grotescos bugios ou pousam os negros bandos de biguás, em contraste com as garças de penas alvíssimas. O romper do dia, tingindo o céu, as terras e o longuíssimo lençol d'água, de mil

côres cambiantes, pondo nuns lugares sombras profundas e outros claridades resplandescentes, debruando a brancura láctea de uma nuvem com avermelgidão mordente de uma braza, marchando de ouro as ondas esmeraldinas da folhagem, arrebatá-nos a imaginação e atira-nos para fora do círculo em que vivemos fechados pelo jôgo regular dos sentidos e da reflexão." (*Conferências*, 1916).

Entretanto, ao que tudo indica, nenhum outro espetáculo feriu tanto a sensibilidade do Marechal Rondon como o que viu ao visitar a velha e decadente cidade de *Mato Grosso*, a antiga Vila Bela da Santíssima Trindade do Mato Grosso, primeira capital da Capitania.

De acôrdo com seu próprio relato, percorreu o vasto Palácio dos Governadores, cujas paredes ostentavam ainda artísticos quadros a óleo. Visitou as ruínas do antigo Quartel, cuja sala principal exhibia, nas paredes carcomidas pelo tempo, algumas estrofes de Camões. Viu o que restava do edifício da Câmara Municipal, que um incêndio havia destruído e, com êle, seu precioso arquivo. Visitou a Matriz mandada construir pelo Capitão-General Dom João de Albuquerque de Melo Ferreira e Cáceres, como também a veneranda igreja de Santo Antônio, onde pôde homenagear os restos mortais de Ricardo Franco e de Adriano de Taunay. Percorreu o cais quadrangular, destinado a defender a igreja de Santo Antônio contra as enchentes do Guaporé. Observou, emocionado, os restos da Igreja do Carmo, a primeira ser construída por ordem de Dom Antônio Rolim de Moura Tavares, nos idos de 1752, ao lançar os fundamentos da Vila Bela da Santíssima Trindade do Mato Grosso.

A fibra do sertanista invulgar, do desbravador de terras longínquas, do construtor de linhas telegráficas, do "Grande Chefe Borôro" — envolveu-se em profunda tristeza diante daquele espetáculo de ruína e de decadência.

E Rondon escreveu:

"*Pouso Alegre* foi o seu primeiro nome; mas o único que agora lhe poderia convir seria o de *Vila Triste*, porque nela só se vêem ruínas grandiosas e evocativas de um passado de pompas e de domínio absoluto, — sem um ruído, sem um movimento, sem uma côr ao menos, capaz de impor aos sentidos a percepção do presente, que todo se dilui e apaga nas sombras do passado e das saudades." (*Missão Rondon*, 1916).

PALAVRAS FINAIS

Minhas senhoras e meus senhores:

Numa tarde ensolarada, a 26 de julho de 1953, na cidade de Cuiabá, mais de 50 geógrafos vindos de todo o Brasil tomaram parte numa cerimônia singela, mas do mais alto significado cívico. Reuniram-se junto ao marco que assinala o centro geográfico da América do Sul, ouviram os acordes do Hino Nacional executados pela Banda de Música do Batalhão de Caçadores, sediado na capital matogrossense. E, sob aqueles céus que há cem anos viram nascer Cândido Mariano da Silva Rondon, permaneceram em silêncio durante um minuto, como homenagem à sua obra e aos que tombaram no cumprimento do dever.

Depois, o "Grande Chefe" fêz-se ouvir. Não em pessoa, porque seu estado de saúde não permitira que ali comparecesse. Mas pela voz do Prof. José Veríssimo da Costa Pereira, presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros, que transmitiu a *Mensagem* que lhe fôra enviada, do Rio de Janeiro, para os geógrafos ali congregados.

Não poderia encerrar de maneira melhor esta minha oração de homenagem e de devotamento à memória do Marechal Rondon, senão repetindo as palavras finais dessa comovente Mensagem.

Ei-las:

"Se a outra banda do Mundo, orgânico, constituída pelos seres vegetais, que, imóveis, testemunharam as nossas arrancadas, pudesse agora falar, da beira das estradas, das bararcas dos rios, dos campos e charravascais, do âmago de florestas que vos pareceriam impenetradas, vozes clamariam:

Continuai! Continuai! Por aqui passaram outros. E o objetivo é dar aos que mourejam em outros setores, meios reais, para o grande prazer e imenso dever de servir ao Brasil e à Humanidade!"

Página verdadeiramente antológica.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

- MISSÃO RONDON — *Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Matto-Grosso ao Amazonas (1907-15)*, Tip. do "Jornal do Commercio", Rio de Janeiro, 1916.
- RONDON, Coronel Candido Mariana da Silva Rondon — *Conferências*, Tip. do "Jornal do Commercio", 1916.
- RONDON, General Candido Mariano da Silva Rondon — *Mensagens à Associação dos Geógrafos Brasileiros*, em "Boletim Paulista de Geografia", n.º 15, São Paulo, outubro de 1953.
- VIVEIROS, Esther de — *Rondon conta sua vida*, Liv. São José, Rio de Janeiro, 1958.
- GUSMÃO, Clovis de — *Rondon*, Liv. José Olympio Editôra, Rio de Janeiro, 1942.

